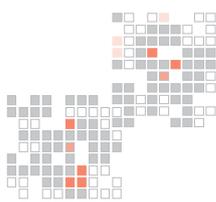


O JORNALISMO E A CONSTRUÇÃO DA CONTRA-HEGEMONIA: ANÁLISE DA REVISTA DO MST A PARTIR DOS CONCEITOS GRAMSCIANOS DE JORNALISMO

PERIODISMO Y LA CONSTRUCCIÓN DE CONTRAHEGEMONÍA: ANÁLISIS DEL REVISTA DE LO MST DE LOS CONCEPTOS GRAMSCIANOS DE PERIODISMO

THE JOURNALISM AND THE CONSTRUCTION OF THE COUNTER-HEGEMONY: ANALYSIS OF THE MST JOURNAL FROM THE GRAMSCI CONCEPTS OF JOURNALISM

236



Alexandre Barbosa

■ Doutorando em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, mestre em Jornalismo pela ECA-USP, especialista em Jornalismo Internacional pela PUC-SP, bacharel em jornalismo pela UMESP. Atualmente é coordenador do curso de Jornalismo da Universidade Nove de Julho e editor do site sobre comunicação e cultura popular da América Latina www.latinoamericano.com.br.

■ E-mail: alexandre@latinoamericano.jor.br.

RESUMO

O jornalismo das classes subalternas tem a tarefa de adotar a América Latina Popular como categoria de seleção e construção das notícias. Porém, esse processo de construção e seleção, se seguir os mesmos critérios da indústria jornalística, não promove o que Gramsci chama de “jornalismo integral”, ou seja, aquele que auxilia no desenvolvimento da conscientização de uma classe. A indústria jornalística utiliza uma metodologia positivista – portanto burguesa – de narração dos fatos. Para se diferenciar desta modalidade de jornalismo, a imprensa alternativa precisa construir uma metodologia marxista de seleção e construção das notícias. Este artigo analisa uma edição de um veículo alternativo do Movimento dos Sem-Terra (MST) e o compara com os tipos de revista descritos por Gramsci em “Cadernos do Cárcere” como ponto de partida para a definição dessa metodologia da imprensa alternativa. O MST foi escolhido por ser um movimento que criou sua própria comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: MST; JORNALISMO DAS CLASSES POPULARES; GRAMSCI.

RESUMEN

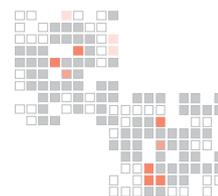
El periodismo de las clases populares tiene la tarea de adoptar la América Latina Popular como una categoría de selección y construcción de noticias. Sin embargo, si este proceso de construcción y selección, sigue a los mismos criterios de la industria periodística, no podrán estos vehículos a promover lo que Gramsci llama “periodismo integral”, que sea lo que ayude en el desarrollo de la conciencia de clase. La industria de la prensa utiliza una metodología positivista, portanto burguesa, de narración de los hechos. Para diferenciar este tipo de periodismo, a la prensa alternativa hay que construir una metodología marxista de la selección y construcción de la noticia. Este artículo examina una edición de un vehículo alternativo del Movimiento de Campesinos Sin Tierra (MST) y lo compara con el tipo de revista descrito por Gramsci en “Cadernos do Cárcere” como punto de partida de esta metodología para la definición de la prensa alternativa. El MST fue elegido porque es un movimiento que ha creado su propia comunicación.

PALABRAS CLAVE: MST; PERIODISMO DE LAS CLASSES POPULARES; GRAMSCI.

ABSTRACT

The journalism of the popular classes has the task of adopting the Popular Latin American as a category selection and construction of news. However, this process of construction and selection criteria need to promote what Gramsci calls “integral journalism.” The newspaper industry uses a positivist methodology of narration of facts. To differentiate this type of journalism, alternative press needs to build a Marxist methodology of selection and construction of news. This article examines an issue of an alternative vehicle of the Movimento dos Sem Terra (MST) and compares it with the kind of magazine described by Gramsci in “Cadernos do Cárcere” as a starting point of this methodology for defining the alternative press. The MST was chosen because it is a movement that created its own communication.

KEYWORDS: MST; JOURNALISM OF THE POPULAR CLASSES; GRAMSCI.



1. O jornalismo feito pelos movimentos sociais

A imprensa das classes subalternas e a indústria jornalística estão em campos opostos na luta hegemônica. Enquanto a indústria jornalística, mesmo que de forma aparentemente velada, reforça a ideologia capitalista, historicamente, cede à imprensa alternativa, por estar associada a quem sofre o domínio hegemônico, a tarefa de resistir historicamente. Essa resistência pode ser encontrada desde os jornais operários do início do século XX, passando pela imprensa alternativa nos anos 60 e 70 (principalmente no Brasil) até o século XXI, quando as novas tecnologias permitiram a multiplicação de *blogs* e *sites* ligados a movimentos sociais, partidos políticos, sindicatos, comunidades locais e entidades ligadas aos direitos humanos.

Portanto, a imprensa das classes populares – que também é caracterizada por Antonio Gramsci como imprensa de opinião – construiu o que Octávio Ianni chamou de “hegemonia alternativa, na qual se expressam as classes e os grupos sociais subalternos em luta para realizar sua vontade coletiva nacional-popular, alcançando a soberania” (Ianni, 2000, p.146).

Nos últimos vinte anos, como mostra o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos.

En el subcontinente, más que en ningún otro sitio, se há logrado hacer con éxito un uso contrahegómico de instrumentos políticos hegemónicos como la democracia representativa, el derecho, los derechos humanos y el constitucionalismo. Entiendo por instrumentos hegemónicos las instituciones desarrolladas en Europa a partir del siglo XVIII por la teoría política liberal con vistas a garantizar la legitimidad y gobernabilidad del Estado de derecho moderno em las sociedades capitalistas emergentes. Se trata de instrumentos hegemónicos porque fueron diseñados para garantizar la reproducción ampliada de las sociedades capitalistas de

clases y porque son creíbles como garantes de la consecución del bien común, incluso por las clases populares em si afectadas negativamente por ellos (Santos, 2010, p.67-68).

Os movimentos sociais organizados, como o MST no Brasil e o EZLN no México, desenvolveram meios de comunicação aproveitando as contradições dos instrumentos hegemônicos da própria burguesia.

El uso contrahegómico, como su nombre lo indica, significa la apropiación creativa por parte de las clases populares, para sí, de esos instrumentos [entre eles os meios de comunicação] con el fin de hacer avanzar sus agendas políticas más allá del marco político-económico del Estado liberal y de la economía capitalista. Las movilizaciones populares de las últimas décadas por un nuevo constitucionalismo, desde abajo, por el reconocimiento de los derechos colectivos de las mujeres, indígenas y afrodescendientes, por la promoción de procesos de democracia participativa que obren en paralelo [...] las reformas legales orientadas al fin de la discriminación sexual y étnica, el control nacional de los recursos naturales, las luchas para retomar la tensión entre democracia y capitalismo eliminada por el neoliberalismo (Santos, 2010, p.68).

O que caracteriza um meio de comunicação como imprensa das classes populares não é apenas o fato de ter o povo como protagonista das reportagens. Essa imprensa se diferencia radicalmente da indústria jornalística por adotar:

- a) um novo processo de seleção e construção das notícias;
- b) uma oposição ao modelo norte-americano de jornalismo, que não se esconde por trás do mito da objetividade e assume abertamente sua ideologia;

Porém, é importante lembrar que, em muitos casos,
tanto a indústria jornalística quanto a imprensa
alternativa cobrem o mesmo fato.

c) uma oposição à ideologia positivista e liberal da indústria jornalística.

Uma das principais diferenças entre a imprensa proletária e a indústria jornalística é o modo de produção jornalístico, desde a seleção até a construção das notícias. Para Nelson Traquina (2005) os jornalistas empregam dois processos para produzir notícias. Primeiro, selecionam os fatos utilizando óculos (molduras) que “enxergam” algumas coisas e não outras. Depois, a partir dessa seleção, dão determinada angulação na narração do fato. Portanto, segundo Traquina, os jornalistas “operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado”.

Muniz Sodré entende que, mesmo utilizando o discurso liberal de garantia das liberdades, na essência, a indústria jornalística, principalmente na América Latina, se presta a manter o poder para as classes dominantes, afinal a elas pertencem esses veículos de comunicação.

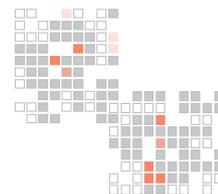
Esta tarefa [de manutenção do poder das classes dominantes] continuamente levada a cabo pela imprensa, tem requerido mitos progressistas capazes de encobrir o jogo de poder que preside à constituição do discurso jornalístico: toda um parafernália de formas de homogeneização dos discursos sociais e de edição dos acontecimentos a partir de uma cultura eurocêntrica e colonial inerente ao nascimento da imprensa moderna. [...] A ideologia, no limite, assumida pela imprensa industrial como a conhecemos é universalmente burguesa e europeia, tecnicamente aperfeiçoada pelos norte-americanos. [...] As reformas gráficas e textuais dos jornais latino-americanos tiveram e continuam a ter

como fontes, com raras exceções, os experimentos técnicos levados a cabo pela corporação jornalística nos Estados Unidos (Sodré, 2009, p.12-13).

Entre as principais características da imprensa das classes subalternas está a adoção, como categorias de seleção de notícias, de pautas que a indústria jornalística geralmente não adota. Atualmente, no caso da América Latina, entre as categorias de seleção de notícias da imprensa alternativa podem constar pautas como: o processo de reparação dos crimes cometidos pelas ditaduras militares nos anos de 1960 e 1970, principalmente sobre os desaparecidos políticos; a luta pela reforma agrária, nos diversos países em que ela não aconteceu; as condições de trabalho no campo e na cidade; as manifestações de preservação do folclore; o debate sobre eventos da história latino-americana, como as revoltas indígenas, o processo de independência, as lutas operárias como a que resultou no massacre de Santa Maria de Iquique, entre outras.

Porém, é importante lembrar que, em muitos casos, tanto a indústria jornalística quanto a imprensa alternativa cobrem o mesmo fato. A diferenciação entre os dois modos de produção está na abordagem e na construção da notícia.

A imprensa proletária, como forma de mostrar ao público essa diferença, tira o fato de sua condição singular e apresenta os contraditórios e a contextualização. Se os textos são ideológicos, ou seja, são resultados da disputa em torno da produção do sentido, da seleção de um ponto de vista que exclui outro, a abordagem (angulação, ponto de vista) escolhida deve ficar evidente para quem recebe aquela informação.



O MST entende que a comunicação pode ser uma forma de produção contra-hegemônica desde a formação dos quadros de militantes.

Entre as formas encontradas para encobrir este jogo pelo poder por parte da indústria jornalística, Sodré mostra que está a narração mítica e fragmentada dos fatos ao fazer uma comparação entre o texto jornalístico e a narração dos mitos na Antiguidade, que mais revelavam do que explicavam a realidade.

Diante da incapacidade de explicar todos os fenômenos, o homem da Antiguidade narrava acontecimentos que aconteciam em um tempo distante, sem lugar nem tempo precisos e que geravam mitos necessários para a conexão das coisas. Sodré entende que “essa função integradora na narrativa [mítica] continua presente na comunicação do acontecimento, em geral mesclando realidade histórica com imaginário coletivo, como se dava na oralidade clássica” (Sodré, 2009, p.15).

Além de incorporar os mitos à narração dos fatos, a indústria jornalística, por diversas vezes, fragmenta essa narração em capítulos, tal qual um folhetim, e deixa o receptor encantado, sempre à espera do próximo desfecho.

A contextualização detalhada e apresentação da ideologia que levou àquela abordagem da construção da notícia pode tornar o texto denso e, em tese de difícil compreensão. Porém, movimentos sociais com origem no campo, como o MST e EZLN conseguiram criar importantes veículos de comunicação para dar conta dessa tarefa.

O MST entende que a comunicação pode ser uma forma de produção contra-hegemônica desde a formação dos quadros de militantes. E a comunicação está presente no movimentos desde sua fase embrionária.

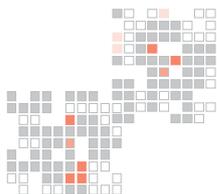
Em maio de 1981, quando as 300 famílias de trabalhadores rurais acamparam no entronca-

mento de estradas próximo ao município de Ronda Alta, conhecida como Encruzilhada Natalino, no Rio Grande do Sul, as condições eram as mais precárias, mas, mesmo em meio a condições adversas, as famílias mantiveram o espírito de organização coletiva e de compreensão que apenas aquela luta a ideia de que o acampamento representava a pressão sobre o governo local poderia dar resultado. Graças a essa conscientização política, que em grande parte foi incentivada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), organização ligada a uma ala progressista da Igreja Católica influenciada pela ideologia da Teologia da Libertação, nasceu o embrião do Jornal Sem Terra, veículo de comunicação mais antigo do Brasil a ter a luta pela terra como foco central e que circula de forma ininterrupta de 1981 até a atualidade.

Paulatinamente, desde seu primeiro boletim, chamado à época de Boletim da Campanha de Solidariedade aos Agricultores Sem Terra, até a fase de maturidade do Jornal Sem Terra, que acontece após o V Congresso do Movimento em 2007, a publicação pode ser compreendida (tanto na concepção como na atuação) de acordo com o conceito de jornal como organizador coletivo, defendido por Vladimir Lenin e também pelos conceitos de jornalismo integral organizados por Antonio Gramsci.

Além do Jornal Sem Terra, o MST desenvolveu outros meios de comunicação, ampliando o conceito de ocupar todas as arenas possíveis na tarefa de conscientizar os trabalhadores para a luta revolucionária. Entre esses veículos, está a Revista dos Sem Terra.

Este artigo analisa uma edição da Revista dos Sem Terra a partir dos conceitos definidos por Gramsci como os de jornalismo integral, “Isto é,



o jornalismo que não somente pretende satisfazer todas as necessidades (de uma certa categoria) de seu público, mas pretende também criar e desenvolver estas necessidades e, conseqüentemente, em certo sentido, gerar seu público e ampliar progressivamente sua área.” (Gramsci, 2010, p.197).

Gramsci, preocupado com a formação, no sentido mais amplo da palavra, da sociedade, diferenciava os jornais de informação ou “sem partido” explícito (que podem ser caracterizados hoje como os jornais da indústria jornalística) dos jornais de opinião, dedicado a um público. Geralmente os jornais de opinião são órgãos oficiais de um partido. No caso deste artigo, serão analisados os conteúdos da última edição impressa da revista do MST.

2. A Revista dos Sem Terra

A Revista do Sem Terra foi uma publicação bimestral produzida por jornalistas profissionais (com formação acadêmica e experiência no jornalismo) ligados à secretaria de comunicação do MST, voltada para o público de apoio do movimento e que circulou de setembro de 1997 a outubro de 2010. O último exemplar publicado tem 56 páginas, em papel couché, quatro cores. Além do corpo da redação, há um conselho editorial que reúne intelectuais e quadros do movimento.

Gramsci caracterizava três tipos gerais de revista de acordo com o modo como são redigidas, pelo tipo de leitor ao qual pretendem se dirigir e pelas finalidades educativas que querem atingir.

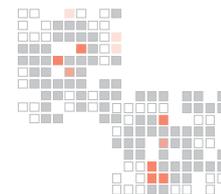
Cada um destes tipos deveria ser caracterizado por uma orientação intelectual muito unitária e não antológica, isto é, deveria ter uma redação homogênea e disciplinada; portanto, poucos colaboradores “principais” devem escrever o corpo essencial de cada número. A orientação redacional deve ser fortemente organizada, de modo a produzir um trabalho intelectualmen-

te homogêneo (...). Um organismo unitário de cultura, que oferecesse aos diversos estratos do público os três tipos supracitados de revista (...) ao lado de coleções de livros correspondentes, satisfaria as exigências de uma certa massa do público, que é mais ativa intelectualmente, mas apenas em estado potencial, e que é a que mais importa elaborar, fazer pensar concretamente, transformar, homogeneizar, de acordo com um processo de desenvolvimento orgânico que conduza do simples senso comum ao pensamento coerente e sistemático (Gramsci, 2010, p.201).

Ou seja, Gramsci entendia que os meios de comunicação tinham papel de conscientizar e promover a ação transformadora, desde que fossem seguidas determinadas características. A seguir, a partir do tipo de revista caracterizado como crítico-histórico-bibliográfico, serão analisadas as duas últimas publicações oficiais do MST.

Para Gramsci, as revistas do tipo crítico-histórico-bibliográfico se constituem por um “exame analítico de obras, feito do ponto de vista dos leitores da revista que não possam, em geral, ler as próprias obras.” Portanto, o leitor que não tem o hábito da pesquisa e da leitura, seria auxiliado a assimilar o que Gramsci chama de “sentido” deste hábito. O pensador italiano reforça que não basta para a revista fornecer conceitos, mas sim oferecer “toda a série dos raciocínios e das conexões intermediárias, de modo bastante detalhado e não penas por indicações (Gramsci, 2010, p.201-202).

Assim, a revista não “ensinaria” conceitos para a conscientização e formação, mas construiria todo o processo de construção do raciocínio para chegar a esse conceito, tal qual uma aula. Este tipo de construção de texto, como citado anteriormente, foge totalmente ao conceito positivista do jornalismo, que se concentra na divulgação de um fato, considerado relevante jornalisticamente. No mundo burguês, a categoria singular



se solidifica, e que o Gramsci propõe neste tipo de revista é a totalidade, como afirma Lukács:

Porque el verdadero reportaje no se contenta con representar simplemente los hechos; sus narraciones siempre dan un conjunto, descubren causas, provocan deducciones (debido a ello, la dialéctica materialista, como base ideológica, confiere al reportaje unas posibilidades que no le son dadas en el campo burgués). Pero la unión de los hechos y sus relaciones, también de lo especial y lo general, de lo individual y lo típico, de lo casual y lo necesario, se presenta aquí bajo un principio distinto al que se da en la literatura configuradora (Lukács, 1968, p.123).

Na edição número 55 (setembro/outubro de 2010) da Revista dos Sem Terra, o editorial, de uma página faz referência às eleições. O texto chama a atenção para a possibilidade de aproveitar o período para elevar o conhecimento político dos militantes, traz uma citação de Florestan Fernandes e situa os movimentos sociais como um campo diferente dos partidos políticos e com responsabilidades diferentes destes. Interessante que o editorial não conclama os militantes para votar nesse ou naquele candidato, mas prega a necessidade de reflexão diante do período.

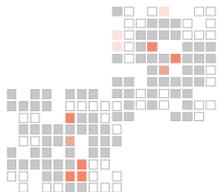
A edição é completada por 19 conteúdos entre reportagens, artigos e colunas fixas que mesclam o factual com o analítico. Essa mescla pode se encaixar no que Lukács defendia como “verdadeira reportagem”, porém, para identificar se a revista atende ao que Gramsci defendia como uma revista para a formação do público serão comparadas cada um dos textos com o que Gramsci chamava de rubricas, que podem ser entendidas como as editorias que deveriam estar neste tipo de publicação. A seguir, cada uma das rubricas defendidas por Gramsci (2010, p.202-7).

Dicionário enciclopédico político-científico-

-filosófico. Cada número deve conter uma ou mais pequenas monografias de caráter enciclopédico sobre conceitos políticos, filosóficos e científicos que o leitor tenha dificuldade para compreender. No número analisado da revista não havia uma editoria com essa finalidade, mas seria essencial, tanto num órgão voltado para o apoio, mas, principalmente, no voltado para a base. Esse dicionário poderia ser feito numa espécie de glossário que explicasse, naquela edição, alguns conceitos tratados, com referência aos autores.

Biografias. A biografia pode surgir a partir de alguma efeméride daquela edição, ou seja aproveitar alguma data emblemática que envolva a figura a ser biografada ou ainda, sempre abrir espaço para relatar a vida de alguém, independente da efeméride. No número analisado, há uma editoria chamada “estudos” que traz um longo e bem trabalhado texto sobre Pancho Villa e Emiliano Zapata. É o melhor e maior texto que traz referências à revolução mexicana, com muita contextualização. Seria interessante um *box* com explicações ou infográficos para detalhar ainda mais o que foi a revolução mexicana e suas conexões com a atual luta do MST. Gramsci também defende a rubrica das autobiografias político-intelectuais que podem ser incluídas se tiveram histórias que possam inspirar orientações intelectuais ou morais.

Exame crítico-histórico-bibliográfico das situações regionais. Uma espécie de guia para estudar uma situação local ou um problema específico. “Tratar-se-ia de fornecer a trama geral indicando os livros que trataram dele, os artigos publicados em revistas especializadas, bem como o material ainda bruto sob a forma de resenhas” (Gramsci, 2010, p.204). A editoria “estudos” também se encaixa nessa rubrica assim como os artigos, publicados nas colunas chamadas “Trocando Ideias”. Esses artigos são escritos por especialis-



Na edição analisada, há uma entrevista com o dirigente do MST, Adelar Pizeta, coordenador pedagógico da Escola Nacional Florestan Fernandes.

tas, no caso do número analisado, por professores universitários. Porém, em apenas um artigo há a indicação bibliográfica para complementar o estudo. Seria interessante que ao final de cada artigo, o autor trouxesse referências para os leitores se aprofundarem no assunto.

As duas reportagens da editoria Internacional, uma sobre a questão ambiental na ocupação israelense na Palestina e outra que traz o balanço de um ano do golpe em El Salvador, podem ser colocadas nesta rubrica. Porém, a reportagem sobre El Salvador traz mais dados brutos (estatísticas) para a compreensão do tema, mas também peca na questão das referências bibliográficas.

Na edição analisada, há uma entrevista com o dirigente do MST, Adelar Pizeta, coordenador pedagógico da Escola Nacional Florestan Fernandes que também se encaixa nessa rubrica. A entrevista traz a análise de situações pontuais da política e da educação no Brasil, além da questão agrária. Mas, novamente, não há citações e nem referências bibliográficas.

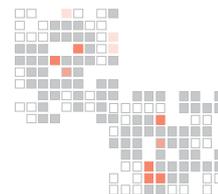
Compilação de jornais e revistas de interesse. Há uma editoria chamada em pauta que poderia fazer essa compilação, porém traz um texto que se refere às ditaduras militares na América Latina. Esse texto pode se encaixar na rubrica do exame crítico ou ainda na de biografias. Uma reportagem sobre milícias contra o MST reproduz trechos de reportagens da indústria jornalística, mas trata o tema apenas de forma factual, da mesma forma que a reportagem sobre os 15 anos da luta do MST no Mato Grosso. Como já citado ao longo deste artigo, se a imprensa alternativa utilizar as mesmas técnicas de seleção e construção das notícias e a mesma lógica de narração

dos fatos, ela não vai se diferenciar da indústria jornalística e não poderá cumprir seu papel de formação e conscientização.

Resenhas de livros. Gramsci propõe dois tipos de resenha: uma para o leitor que não possa ler o livro, mas que é importante conhecer seu resumo e outra que não só incentiva a leitura do livro, mas que debate os pontos fracos e fortes. Na revista analisada, há uma coluna chamada resenha e que traz, neste número, a resenha de um livro do teórico marxista Michael Löwy com fotografias das revoluções desde a Comuna de Paris.

Compilação crítico-bibliográfica. Gramsci está preocupado aqui com a variedade de conceitos que circulavam pela Itália. “É pueril pensar que um ‘conceito claro’, difundido de modo oportuno, insira-se nas diversas consciências com os mesmos efeitos ‘organizadores’ de clareza difusa: este é um erro ‘iluminista’” (Gramsci, 2010, p. 205-206). Quer dizer, não basta a difusão de um conceito e de um modo de pensar por um centro homogêneo. “O trabalho educativo-formativo (...) necessário é complexo e deve ser articulado e graduado: deve haver dedução e indução combinadas, a lógica formal e a dialética, identificação e distinção, demonstração positiva e destruição do velho” (Gramsci, 2010, p.206).

Essa rubrica é a mais complexa de ser desenvolvida na imprensa alternativa, pois deve tratar dos temas fundamentais para a formação da conscientização. Entre as seções da revista analisada, não foi possível identificar uma editoria, coluna ou reportagem que trouxesse uma compilação de assuntos ou grupo de questões para “chegar à verdadeira fonte de toda uma série de conceitos errados que circulam sem controle e sem censura”.



Essa tarefa, além de estar presente nas publicações em si, deve estar na formação dos quadros dos movimentos sociais responsáveis pela definição da política de comunicação.

3. Considerações finais

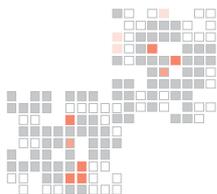
A imprensa alternativa, numa verdadeira guerra de guerrilhas contra a indústria jornalística, desenvolve papel de grande importância na tarefa de manter a memória dos movimentos sociais e operários e de ser a única imprensa que adota como critérios de noticiabilidade fatos essenciais para as lutas da esquerda na América Latina, como o processo de reparação dos crimes cometidos pelas ditaduras militares nos anos 60 e 70, principalmente sobre os desaparecidos políticos; a luta pela reforma agrária, nos diversos países em que ela não aconteceu; as condições de trabalho no campo e na cidade; as manifestações de preservação do folclore; o debate sobre eventos da história latino-americana, o processo de independência e as lutas operárias, entre outros. Para tanto, seu modo de produção jornalístico se diferencia radicalmente do modo adotado pela indústria jornalística.

Como o jornalismo é a expressão das condições materiais de produção, a indústria jornalística é resultado da ascensão e manutenção da burguesia como classe: busca pelo aumento dos índices de audiência para aumentar o lucro na venda de

espaço publicitário aprimorada pelo uso das técnicas norte-americanas de produção, adoção da imagem de credibilidade resultante da defesa de valores burgueses como liberdade de opinião, da propriedade privada e da individualidade.

A imprensa dos movimentos sociais também é resultado das condições sociais de produção e é expressão da interpretação destes movimentos diante das lutas a que eles se propõem. Ao reproduzir, mesmo que de forma mecânica, inconsciente, o modo de produção jornalístico burguês, a imprensa dos movimentos sociais pode ser condenada ao fracasso, pois esses jornais negariam as condições sociais que o geraram.

Assim, torna-se urgente que os movimentos sociais adotem um modo de produção jornalístico que privilegie não a singularidade, como é próprio da imprensa burguesa, mas a totalidade, a universalidade. Esse modo de produção passa pela incorporação de procedimentos jornalísticos que privilegiem a contextualização e análise dos fatos e não apenas sua divulgação. Alguns destes procedimentos foram sistematizados por Gramsci na análise das revistas de formação e podem ser encontrados na Revista dos Sem Terra, o que comprova que é um veículo utilizado tanto para aumentar a base de apoio do movimento quanto para promover o aumento da conscientização da classe trabalhadora.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 2. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978.
- IANNI, Octávio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- _____. *O Labirinto latino-americano*. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 1993.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Edusp, 2003.
- LENIN, Vladimir Ilitch. *Que fazer? Problemas candentes do nosso movimento*. Trad. Marcelo Braz. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- LIMA, Venício Artur. *Liberdade de expressão e liberdade de imprensa: direito à comunicação e democracia*. São Paulo: Publisher, 2010.
- LUKÁCS, George. *Sociologia de la Literatura*. Ed. Península, 1968.
- MORISSAWA, Mitsue. *A história da luta pela terra e o MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- REVISTA DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. São Paulo, n. 56, set. / out. 2010.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *Refundación del Estado en América Latina: perspectivas desde una epistemología del Sur*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, Universidad de los Andes; Siglo Veintiuno Editores, 2010.
- SODRÉ, Muniz. *A Narração do Fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- SOUSA, Jorge Pedro. *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Chapecó: Argos, 2002.
- TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

